

# Sempre atento à civilidade

Ricardo Daehn

Em termos de cinema nacional, um dos maiores focos de interesse do veterano cineasta Jorge Bodanzky, personalidade homenageada no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, diz respeito aos índios. Aos quase 80 anos, Bodanzky não fala de sua produção em especial, ainda que, na sessão das 14h de hoje (no Cine Brasília, EQS 106/107), um filme inédito dele na capital (*Amazônia, a nova Minamata*), sobre o tema, esteja em destaque. “Já existe uma segunda geração de diretores indígenas, que trazem uma produção muito grande e interessante. Eles não precisam mais de um branco interpretando a realidade deles. Rica e original, a produção dificilmente fica de fora dos circuitos de festivais”, observa Bodanzky.

*Amazônia, a nova Minamata*, exibido, antes, na Mostra de São Paulo, trata da questão do envenenamento dos rios da Amazônia, por mercúrio. O povo Munduruku revela a contaminação, diante da atuação de garimpeiros. Bodanzky demarca a importância do projeto Vídeo nas Aldeias (implantado pelo colega Vincent Carelli, há 20 anos). Ele começou a capacitá-los para operar vídeos, hoje feitos de modo dinâmico, com uso de celulares. Há coletivos que

*Utopia distópica: a UnB sob a ótica de Jorge Bodanzky*

Canal Brasil/Divulgação



JÚNIOR ARAGÃO/DIVULGAÇÃO



Cineasta Jorge Bodanzky

produzem não para fora, mas circulação, entre eles, nas aldeias”, celebra o autor (em parceria com Orlando Senna) do clássico

*Iracema — Uma transa Amazônica* (1976), premiado no Festival da capital. “O filme estava censurado quando exibido pela primeira vez no evento, e foi liberado (da censura), em seguida”, relembra.

“Tudo isso aqui (o festival) tem maior importância para mim, porque em 1964, entrei na Universidade de Brasília e fui aluno do curso de apreciação cinematográfica de Paulo Emílio Sales Gomes, fundador do festival de cinema. Em 1965, nas aulas de Paulo Emílio, eu tomei a decisão de fazer cinema. Meu cinema nasceu praticamente junto com o festival com o qual tenho uma longa história”, pontua o homenageado.

Recentemente, Bodanzky fez um documentário (*Utopia Distópica*) autobiográfico, sobre a passagem dele pela Universidade de Brasília, quando ainda transcorria o projeto original, de 1964, da

universidade, que comemorou ter visto projetado, na realização de “um grande sonho”. O diretor também mostrou Brasília em super 8, feito nos anos de 70 super, com imagens da cidade. “Foram imagens brutas, não editadas, como se fosse uma viagem e a trilha sonora foi elaborada pelo músico português David Maranha. A homenagem toca personalidades como Luiz Humberto, Athos Bulcão, Amélia Toledo e Heiz Forthmann.

Um novo horizonte para as questões indígenas é fator de percepção de Bodanzky, quando analisa o futuro do governo Lula. “Evidentemente, com a chegada do governo Lula, a gente tem um certo ânimo devolvido. Antes, foram perdidas todas as possibilidades de orçamento e muito foi desmontado, falo dos aparelhos de cultura que a promoviam. É uma esperança que se volte a ser realizado.”